

A metáfora de uma experiência transdisciplinar e interdisciplinar a partir de histórias de vida

Margaréte May Berkenbrock Rosito
(GEPI-PUCSP)
margaretemay@ajato.com.br

Resumo: Estamos vivendo tempos de passagem, em que os sujeitos começam a se reconhecer como seres paradoxais, com o consciente e o inconsciente, em processo de recriação constante. A complexidade, a diversidade, a fugacidade, a exceção, até então desconsideradas, podem ser vistas como desafios a serem compreendidos na atividade da Colcha de Retalhos, um projeto de formação coletiva no curso de Pedagogia, Centro Universitário São Camilo, na cidade de São Paulo, na perspectiva da emancipação e autonomia, dos sujeitos-professores e sujeitos-alunos, a partir do resgate da História de Vida.

Palavras-chave: Formação, Interdisciplinaridade, Transdisciplinaridade, História de Vida, Complexidade.

A Colcha de Retalhos é uma experiência simbólica e metafórica no curso de Pedagogia que se arma contra as tentações da fragmentação da razão e emoção, contra o imobilismo e passividade, quebrar a conspiração do silêncio, que não permitiu a voz dos sujeitos na experiência da formação do docente e gestor brasileiro, para contar uma história do subterrâneo da prática curricular em ação a partir da História de Vida dos sujeitos. Uma oportunidade de refletir de maneira sistemática e crítica, o próprio percurso formativo, a possibilidade da construção do novo conhecimento a partir daquilo que emana da própria prática docente como gestor da sala de aula, coordenação pedagógica e administração da escola. Tem como objetivo vivenciar a força das palavras de Paulo Freire(1993): “só um homem transformado é capaz de transformar”, com autonomia e responsabilidade na ação de teorizar sua própria prática, pois a sua autonomia às vezes restringe-se à tomada de decisões apenas dentro da sala de aula, tornando-se mero consumidor, não produtor de teorias, o que impede sua emancipação e autonomia em uma sociedade regida pela lógica do capital, a exploração humana. É uma experiência que aposta na crítica, na reflexão e na participação que contribui a uma prática que transforme o que está posto pela abertura à arte como espaço para tocar na sensibilidade embrutecida pelo conhecimento científico desvinculado das experiências do cotidiano e histórias de vida de cada um, sobretudo demonstrar que uma aula é uma obra de arte, porque é um processo criativo. A mensagem ao professor e gestor pesquisador em formação que é possível construir um conhecimento preocupado com a razão e sensibilidade.

Visão de Interdisciplinaridade: A razão sensível mostra que do “entre” emerge o criativo, o extraordinário ao contar a história de seu processo de aprendizagem, a partir da alma do homem ordinário. Inter significa entre, existe no “entre” um ponto de ligação que une o olhar criativo e a escuta sensível no ensinar, aprender, formar. As mãos que fiam e tecem a formação de pessoas pedem sensibilidade, no processo de costurar os retalhos que articulam a trilogia do saber, fazer e ser Interdisciplinar e Transdisciplinar, como ponto de encontro das linhas do sentido da estrutura quadripolar da competência técnica, estética, ética e política do docente e do gestor. Se o profissional não tiver competência técnica (conhecimento científico) não tem a possibilidade de correr o risco de transformar a prática,

porém isso não basta. Segundo um mito indiano o quatro é a forma geométrica do quadrado, uma representação simbólica abstrata que significa a orientação espacial: os quatro pontos cardeais. Essa orientação espacial surgiu do círculo, as mandalas, que significam luz que inspira a harmonia entre a tensão dos contrários. A comunicação entre as polaridades não é direta no ensinar e no aprender coletivo, o uso das imagens pautadas na carga vivencial do cotidiano, tem a função realizadora do pensamento simbólico e metafórico, como força potencial da criação do homem, na relação consigo, com outro e o mundo, representa a compreensão *sem síntese* da lógica da realidade na sua totalidade.

O símbolo da Pedagogia é a flor de lótus e existem vários tipos. Existe um tipo que possui oito pétalas que nesta experiência significa os pilares de meu entendimento de Interdisciplinaridade construído a partir da perspectiva interdisciplinar de Fazenda e Freire. Embora o movimento circular dos autores parta de pontos diferentes, eles têm em comum o mesmo elemento problematizador, que é a construção de autoria como um ato político na formação de professores e gestores. Da perspectiva de Freire extraio os princípios de autonomia, participação e descentralização. Da perspectiva de Interdisciplinaridade de Fazenda, extraio cinco pilares: atitude, parceria, auto-conhecimento, pesquisa e abertura, que sustentam o meu entendimento sobre o conceito de Interdisciplinaridade.

Fazenda (2003), interpreta a Interdisciplinaridade como uma atitude diante do conhecimento encorajando as metodologias de pesquisa e ensino não convencionais a partir do auto-conhecimento para o conhecimento do contexto histórico-social, "rever o velho para torná-lo novo ou tornar o novo velho", uma abordagem antropológica na dimensão filosófica, cultural e existencial à compreensão de que o professor e o gestor, antes de sê-los, devem ser pesquisadores de seus itinerários para encontrar suas marcas registradas. Paulo Freire (1992), no Núcleo dos Excluídos, na PUC/SP, do qual participava, colocava como ponto de partida do movimento interdisciplinar o contexto histórico-social e o ponto de chegada, a morada do sujeito: seu corpo em suas variadas manifestações. Em um movimento circular, do mundo externo ao mundo interno e vice-versa, o sujeito enxerga o conhecimento além de uma simples ilustração do cérebro e passa a percebê-lo como ferramenta para conservar ou transformar aspectos de sua cultura.

Esse movimento circular é um símbolo que significa a totalidade da vida que está presente nos mitos, sonhos, mandalas e indica a criação. Um mito indiano da criação conta a respeito de Budha que no momento de seu nascimento, uma flor de lótus nasceu da terra, ao subir sobre ela contemplou as direções dos pontos cardeais e ainda olhou para cima e para baixo. Esse gesto mostra, desde o momento de seu nascimento, que Budha foi uma personalidade única, destinada a receber luz. Sua personalidade recebeu a marca da unidade da tensão dos pólos contrários, a marca da totalidade, aspecto importante da vida. Entendo a força das palavras Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade, desde a sua criação por Piaget, destinadas a receber a luz da unidade da tensão dos contrários que compõe a totalidade da vida.

Considero como idéia fundante da perspectiva de Interdisciplinaridade o "sujeito epistêmico" introduzido por Piaget, como possibilidade de criação de conceitos a partir da lógica interna de cada um. Pensar a partir da lógica interna recupera a natureza epistemológica da perspectiva Interdisciplinar, o pensar no encadeamento de uma multiplicidade de conceitos que levam à autoria de um outro conceito, nascido dessa imensidão de encontros e desencontros de idéias, chegadas e partidas de vivências. Esses conceitos se articulam e vislumbram uma maneira diferente de ver a vida, o mundo, o homem e a mulher. A humildade é uma opção imperativa diante da rede de conhecimentos

e limites que a própria prática impõe. A leitura da própria prática docente, a tarefa de perceber todas as dimensões que a envolvem não é simples; exige abertura e sensibilidade para as articulações das polaridades que envolvem a nossa atividade educativa e pedagógica.

Porém, na perspectiva filosófica do existencialismo, antes da (re)construção do conceito, que é o produto, existe um movimento socrático que se nutre pelo questionamento. O método maiêutico intensifica o exercício do perguntar e que novas perguntas se sucedam e avancem, na solução do objeto, no aprofundamento, detalhamento e na abertura, ampliando a consciência sobre o conceito estudado. Para tal há uma atitude da filosofia existencial que requer do sujeito o reconhecimento das competências e incompetências reconhecendo no processo, que não é linear na construção de sua autoria, a provisoriade das condições assumidas e a abertura para outros enfoques dependentes da multiplicidade de conceitos de outras disciplinas, sem negar a especificidade.

É um processo de construção e desconstrução que leva ao auto-conhecimento e à pesquisa de nossa prática. É um movimento que possibilita a confluência de vários caminhos metodológicos e não somente a escolha de um caminho único, como tem sido a prática pedagógica e de pesquisa. No GEPI fazemos uso de metáforas, símbolos, História de Vida, Resgate de Memória, Observação e Registro, entrevistas, questionários, vários caminhos, na busca da resposta que vai constituindo a inteireza do ser humano, que leva à articulação da maturidade intelectual, emocional e sensibilidade, dimensões indissociáveis.

Visão de História de Vida: A teoria tripolar de formação: autoformação, ecoformação e heteroformação (Pineau), a metodologia de História de Vida em formação (Josso), a pesquisa do SI MESMO (Nóvoa) fundamentaram o pensar a autoria dos sujeitos a partir de sua lógica interna e indicam que há uma multiplicidade de olhares que emergem da experiência pessoal e convergem na articulação da pessoa privada, acadêmica e profissional na construção de autoria de um professor, coordenador pedagógico e diretor como gestores do ensinar, aprender e formar. Pensar uma outra maneira de formação é abdicar das formas tradicionais que buscam apenas na didática ações que dão conta da formação, pois é o sujeito que se forma, formação esta enraizada em seu percurso de vida, em suas experiências, em sua maneira singular de aprender. Dessa maneira, cabe ao professor e ao gestor tomarem para si sua própria formação contínua, seja por meio de estratégias individuais ou coletivas, pois o poder da formação pertence àquele que se forma e este o fará a partir da lógica de seu próprio percurso individual, partilhando espaços e experiências. Mas os sentidos dessa formação serão sempre individuais, na medida em que suas experiências ganham significados em seu próprio percurso e na maneira singular de traçá-lo, formar identifica-se com formar-se. (WARSCHAUER, 2001:135)

Reconstituir a história de vida é também uma obra de arte. Cada um lê desvela, descobre a sua metáfora, na construção da identidade na pesquisa do SI MESMO. Tecer e costurar os fios é por excelência unir os fios numa trama, os romances vão constituindo pouco a pouco uma imagem, que eram apenas fios enovelados em si mesmos. É uma outra maneira de apresentar uma aula, pela abertura do contar Histórias pessoais e refletir para superar a subjetividade aprisionada e capta a sensibilidade do tecelão, pois verá a si mesmo na história do outro, tem o sentido da libertação e uma mudança no olhar para a prática: é o mesmo que olhar para si mesmo. A constituição de autoria das imagens nos retalhos representativas da história de vida de cada um, a identificação de seus momentos de transformação, momentos formativos de sua personalidade, durante sua trajetória familiar, escolar, profissional. A Imagem dos retalhos é a interpretação de sua experiência pessoal,

são olhares que cada um traz da busca de nossas matrizes pedagógicas (Furlanetto). Não se pode descrever, entender e compreender alguém somente na dimensão psicológica ou econômica, sociológica, política ou histórica. É preciso a abertura para uma abordagem que transversalize todas as ciências do humano. Essa experiência significa ir além dos pressupostos teórico-práticos mostra que a vida é uma Colcha de Retalhos feita de inúmeros quadros, a partir da história pessoal e profissional de cada um. Retalhos são indivíduos que, costurados, formam um todo que os reúne, mas não dissipa a sua singularidade, proveniente da sobrevivência da condição humana: a criatividade.

Visão de complexidade: o produto da Colcha de Retalhos é o processo de complexidade da busca pela superação da fragmentação do conhecimento, ressignificar a hierarquia de poder do conhecimento que prioriza apenas os saberes da ciência. A fragmentação entre ciência, filosofia e arte provoca a fragmentação do homem, pela desvinculação do conhecimento interno e externo, do mundo e do sujeito, do singular e coletivo, negando na raiz a potencialidade criativa e criadora do homem na conservação ou transformação da condição da existência humana.

Morin (1990 p. 20) indica que complexidade “significa aquilo que é tecido em conjunto”. Impõe-se a Interdisciplinaridade e a Transdisciplinaridade, o concurso das ciências para entender em sua totalidade a vida: o homem, o mundo e o planeta. Dussel (2000), Maturana (1999;2001), Morin (1998;2000; 2002), Capra (1996) e outros apontam que tudo está interligado, como partes de uma grande teia de conexões. A especialização pode levar à deturpação e mutilação do conhecimento e do homem. Nenhuma ciência, sozinha, dá conta de explicar a vida, o mundo e o homem.

Em Nicolescu (2000) encontro o sentido etimológico da palavra Transdisciplinaridade que significa: dentro, por meio de, através e além de, ou seja, leva ao questionamento: o que ocorre dentro, o que atravessa e o que vai além das disciplinas no processo de formação do Homem, sustentado pelo seguinte tripé: níveis de realidade, o terceiro incluído e a complexidade. Os níveis de realidade indicam que a ciência não é algo pronto, inquestionável. A história mostra como teorias e princípios, secularmente, aceitos foram impugnados, porém, não substituídos. O geocentrismo medieval e a mecânica de Newton continuam, complementados e ampliados pelo heliocentrismo, relatividade, física quântica e outros. Apesar disso, ainda ocorrem hermetismos nas áreas que compõem o conhecimento científico e a visão de um único caminho para o conhecimento. São diferentes níveis que se completam para a compreensão de uma única realidade. Seguir as marcas históricas da civilização de expressão: oralidade, imagem e escrita que não desaparecem no momento em que nascem novas formas de civilização porque o pensamento mobiliza uma realidade da qual nunca se dissocia, a repetição da origem da gestação ao nascimento (Gusdorf). Essas marcas do processo de evolução da humanidade foram vivenciadas no caminhar por dentro de seu interior e transformar em imagem para comunicar a sua experiência única feitas de muitos níveis de realidade.

O terceiro incluído articula-se à perspectiva de Jung na qual percebe-se que não se conhece apenas pelo intelecto. O homem é inteligência, espírito, intuição, emoção. Em tudo que faz e pensa coloca-se por inteiro, o que mostra que não existe neutralidade ou imparcialidade nas posições do homem frente à ciência. Conceitos e teorias, práticas e tradições não resistem muito tempo ao crivo das exigências da evolução, que é a lei de todos os seres vivos. Há um texto de Byington (2005) que trata da importância do sentimento de inveja. Diz que a inveja não tem apenas um aspecto negativo, a falta de estudos científicos sobre a subjetividade deixou muitas emoções estigmatizadas, dentro dos

pecados capitais. A inveja é um desses pecados. “A inveja como função estruturante forma a consciência com a vontade de ter o que os outros já possuem. Através da inveja conscientizamos o nosso desejo, que é o estímulo para buscarmos crescer e conquistar.” Mas adverte o autor “A inveja pode se tornar destrutiva. A inveja pode ser boa ou má, criativa ou destrutiva.” Essa citação traduz a lógica do terceiro incluído na unidade dos pólos contrários que formam a totalidade da psique humana.

A agulha que costura os retalhos segue o ritmo da mão que a conduz. A máquina tem uma velocidade que o homem, seu criador, não consegue acompanhar. A agulha é processo de criação, a máquina é automatismo. Encontramos a fragmentação do ser humano, neste mundo globalizado sob as ordens dos imediatismos. É um tempo veloz; o silêncio perde o seu sentido de reflexão e ganha o significado de monotonia. Tudo está pronto. Basta ir até as prateleiras e retirar os produtos. Tornamo-nos meros consumidores e não produtores de conhecimento. A fragmentação do homem se encontra na divisão do trabalho: um pensa, o intelectual; outro faz, o operário; outro sente, o artista. Entretanto, somos todos intelectuais, artistas e operários. A construção de autoria exige sentimento, pensamento e ação.

Assim, uma educação que se proponha à formação do homem para viver em um mundo em constante mutação deve assumir uma visão de abertura, flexível e multidisciplinar, de auto-organização da complexidade. A ciência, a filosofia e a arte formam uma trilogia no surgimento da lucidez do homem voltado à criação de coisas que tornem digna sua vida. Para tal, é dever do homem pensar de forma bela, pois de seu interior saem as linhas que tecem a harmonia entre os homens e conservam a harmonia existente na natureza. A direção a ser seguida é, no caso do docente e gestor, a criatividade como possibilidade de ser construída com os retalhos de sua História de Vida. É preciso mergulhar na soma de retalhos da vida, pedaços de tecidos de memória vivida, como a arte da materialização do pensamento, que precisa adquirir uma forma para conservar os vestígios de nossa humanidade.

A metáfora é dez por cento do objeto representado, tem a capacidade de nos remeter a outro tempo e também a outro espaço. A experiência ocorre apenas durante a sua execução, mas nos retira do tempo cotidiano e cronológico. Ao finalizar permite-nos voltar ao tempo cotidiano e cronológico. Essa entrada de um tempo para o outro na obra é elemento constituinte de nossa transcendência, de experiência do profano e sagrado que configura no tempo próprio da obra na construção da pessoa. A metáfora tem um aspecto racional na interpretação do compreender por dentro o processo vivido e a sensibilidade é exteriorizada pela imagem que brinca com as emoções e seduz o outro que observa sua criação para trazê-lo para dentro de seu universo. A interpretação é uma questão de perspectiva. A leitura que fazemos é determinada pela maneira de ver o mundo. A criatividade faz aparecer a beleza, a descoberta de que existem coisas belas no mundo e dentro de cada um de nós. Se o olhar que governa seu mundo for aquele que vê apenas o produto e não o processo, só se percebe a sua feiúra, o absurdo. A beleza do processo vivido passa despercebida. É preciso compreender o vivido, mas algo não é compreendido, não precisa ser. O tempo nos impõe limites e possibilidades, é veneno e remédio.

Referências bibliográficas

- ANDRÉ, Marli (org) (2001). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Campinas: Papirus. Série Prática Pedagógica.
- BERGSON, Henri (2001). *A evolução criadora*. Lisboa/Portugal: Edições 70, LDA
- BYINGTON, Carlos B. A inveja não é só ruim. *Ser Médico*, São Paulo, n. 31, Ano VIII, p:28-30, Abr/mai/jun-2005
- CAPRA, Fritjof (1996). *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix.
- DUSSEL, Enrique (2000). *Ética da Libertação: na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Vozes.
- FAZENDA, Ivani (2003). *Interdisciplinaridade, qual o sentido?* São Paulo: Paulus.
- FURLANETTO, Ecleide (2003). *Como nasce um professor?* São Paulo: Paulus.
- FREIRE, Paulo (2000). *A educação na cidade*. 4ª ed. São Paulo: Cortez.
- GUSDORF, Georges (1952). *A Palavra*. Arte e comunicação. Lisboa/Portugal: Edições 70
- JOSSO, Marie-Christine (2002). *Experiências de vida e formação*. Lisboa: Educa.
- JUNG, Carl-Gustav (s/d). *Memórias, Sonhos, Reflexões* (20ª ed). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- _____ (2000). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis/RJ: Vozes.
- MATURANA, Humberto (1999). *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG.
- MORIN, Edgar (1998). *O método 4: as idéias*. Porto Alegre: Sulina.
- _____ e LE MOIGNE, Jean-Louis (2000). *A inteligência da complexidade*. 2ª ed. São Paulo: Peirópolis.
- _____ (2002). *Em busca dos fundamentos perdidos: textos sobre marxismo*. Tradução de Maria Lucia Rodrigues e Salma Tannus. Porto Alegre: Sulina.
- _____ (1990). *O problema epistemológico da complexidade* (2ª ed.) Portugal, Publicações Europa-América, LTDA. Coleção Biblioteca Universitária.
- _____ e KERN, Anne Brigitte (2001). *Terra-pátria*. 2ª ed. Lisboa: Instituto Piaget.
- NICOLESCU, Bassarab (1999). *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: TRIOM.
- NÓVOA, António (org.) (2000). *Vidas de professores*. 2ª ed. Porto/Portugal: Editora Porto.
- PENA-VEGA, Alfredo; ALMEIDA, Cleide R.S. e PETRAGLIA, Izabel (orgs) (2001). *Edgar Morin: Ética, Cultura e Educação*. São Paulo: Cortez.
- PINEAU, Gaston (1988). “A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação”. In: NÓVOA, A e FINGER, M. *O método autobiográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde- Departamento de Recursos Humanos.
- _____ (2000) “O sentido do sentido”. In: *Educação e transdisciplinaridade*. São Paulo: TRIOM.
- WARSCHAUER, Cecília (2001). *Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.